

VISITANDO OS MUNDOS DA ARTE

VISITING THE ART'S WORLD

Cecília Luiza Etzberger¹
Caroline Bertani da Silva²

RESUMO

O presente artigo evidencia a relação existente entre a participação no Grupo de Estudos do projeto Arte na Escola desenvolvido na Universidade Feevale mensalmente e a prática em sala de aula, através das atividades relativas à mediação cultural e à preservação do patrimônio histórico realizadas com um grupo de 6ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho, na cidade de Ivoti. Foram desenvolvidas atividades de visita à Igreja Matriz de São Pedro, na mesma cidade, e à exposição “Acroterium”, do artista Ricardo Cristofaro, na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. A vivência foi confrontada posteriormente com a teoria de Miriam Celeste Martins sobre as questões que envolvem a mediação cultural.

Palavras-chave: Arte na Escola. Mediação. Patrimônio Histórico. Grupo de Estudos.

ABSTRACT

The present article shows the relation between the participation in the study group's project Art School developed at the University Feevale monthly and the practice in the classroom, through activities related to cultural mediation and preservation of historical conducted with a group of 6TH grade of the School of Basic Education 25 de Julho, in the town of Ivoti. Activities were carried out on a visit to Church of St. Peter (São Pedro) in the same city, and the exhibition “Acroterium”, by the artist Ricardo Cristofaro, at Feevale University, in Novo Hamburgo. The experience was later confronted with the theory of Miriam Celeste Martins on issues that involve cultural mediation.

Keywords: Art Education. Mediation. Patrimony Historic. Study Group.

1 POLO ARTE NA ESCOLA NA UNIVERSIDADE FEEVALE

O Projeto Arte na Escola é um dos polos da Rede Nacional do Instituto Arte na Escola, situado na cidade de São Paulo e que desenvolve suas atividades desde 1989, tendo como foco principal a qualificação dos profissionais que atuam com arte nas escolas do país.

¹ Professora de arte da Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho no município de Ivoti. E-mail: cecilianh@sinos.net.

² Professora e coordenadora dos cursos de Artes Visuais, Arteterapia e do Projeto Arte na Escola da Universidade Feevale. Mestre em Educação. Graduada em Desenho e Plástica (UPF). E-mail: carolinebertani@yahoo.com.br.

São 50 Polos presentes em 46 cidades de 22 Estados brasileiros, unidos por um ideal: melhorar o ensino da arte no país. A Rede Arte na Escola reúne universidades, instituições culturais e educacionais, que qualificam professores dos níveis infantil, fundamental e médio e os estimulam a formar jovens mais perceptivos, criativos e críticos de sua realidade.³

Muitas ações são desenvolvidas pelo instituto, tais como: publicações de livros, de reproduções de obras de arte para o uso em sala de aula, produção de material educativo, documentários sobre artistas brasileiros e o Prêmio Arte na Escola Cidadã, que visa a reconhecer o trabalho do professor de artes.

A partir dos materiais disponibilizados pelo Instituto (SP), o polo da Universidade Feevale organiza ações para concretizar o objetivo central do projeto, que é contribuir para um ensino de arte com qualidade, através da formação continuada dos professores de arte, de grupos de estudos, seminários, divulgação e orientação no prêmio arte na escola cidadã, midiateca, dvdteca, cursos, oficinas, assessorias a escolas e professores, exposições nas escolas, oficinas, visitas culturais, ciclos de vídeo, entre outras.

Através dessas ações, o Polo Feevale Arte na Escola proporciona um espaço permanente de reflexão sobre a arte e o seu ensino, pois

[...] os professores da rede municipal, estadual e particular têm a possibilidade de ampliar continuamente o conhecimento em relação às linguagens artísticas contemporâneas e, assim, qualificar a educação e o ensino da arte, a construção da cidadania e a transformação cultural e social nos espaços em que atuam (BERTANI, 2008, p. 267).

São ofertadas também oficinas aos professores que trabalham com arte na região de abrangência da instituição, dentre as quais se destaca a oficina de papel reciclado, aberta também à participação dos alunos, caso o professor deseje trazê-los. O laboratório do papel busca aliar arte e reciclagem, realizando experiências através de papel reciclado, papel manufaturado com fibras vegetais e papel machê e papietagem.

Através da presença do polo, abrem-se as portas da instituição para a comunidade, uma vez que os professores podem trazer seus alunos às suas dependências para a realização de oficinas e visitas, ampliando assim o conhecimento e as vivências desses alunos.

A presença do Instituto Arte na Escola, por meio da Universidade Feevale, na região do Vale do Rio dos Sinos e do Paranhana enriquece muito a prática cotidiana escolar, visto

³ Disponível em: <www.artenaescola.org.br>.

que as possibilidades são muitas através dessa parceria que é estabelecida entre a universidade e os professores.

1.1 GRUPO DE ESTUDOS: DISCUSSÃO BASEADA NA PRÁTICA

O grupo de estudos é uma das ações permanentes do projeto, sendo formado por professores de arte de diversas etapas da educação básica da região de abrangência da Feevale, constituindo-se como um espaço aberto para discussão acerca do ensino de arte nas escolas e ressaltando a necessidade e a importância de o professor estar em constante renovação.

Os encontros são mensais, gratuitos e os temas são abordados de acordo com a necessidade dos professores participantes. São realizados estudos de textos, oficinas, relato de experiência, conversa com artistas, análise de DVDs e visitas culturais.

A prática docente vem a ser o ponto de partida para o planejamento dos encontros e, nesse sentido, os participantes são convidados a trazer seus anseios e dúvidas para serem abordados em grande grupo. Dentre algumas discussões já feitas, destacam-se os encontros nos quais se discutiu acerca da arte contemporânea e suas inquietações, com o apoio de outros professores da instituição, além daqueles que atuam diretamente no projeto.

Além da exploração de temas trazidos pelos participantes, são lançadas discussões acerca de assuntos latentes em um âmbito maior na área da arte-educação, como a inclusão da disciplina de música no currículo escolar e seus reflexos na prática.

De forma a ampliar as referências artísticas dos professores, são realizadas visitas às exposições da Pinacoteca, pois “constituir um grupo de estudos em um espaço de Arte contribui de forma direta para a construção do olhar do educador” (BERTANI, 2008, p. 267) Nesses momentos, as propostas dos artistas são confrontadas com os olhares dos expectadores por um mediador, que destaca sempre a possibilidade de estes trazerem seus alunos para uma visita ao espaço.

Sempre que possível, semestralmente, são realizadas visitas a galerias e museus de arte da região, onde também se procura agendar um momento para conversa com um mediador, a fim de verificar as possibilidades de exploração das obras apreciadas, pensando na participação dos alunos atendidos por esses professores. Tal fato se mostra de extrema importância, a fim de que o repertório cultural do professor se amplie, possibilitando assim

que este apresente aos seus alunos maiores relações e pontos de vista ao trabalhar a arte em sala de aula.

Durante os encontros, também são explorados os materiais teóricos disponibilizados pelo Instituto Arte na Escola, sendo que os documentários são os que mais despertam interesse e discussão. Tal se material mostra muito rico por apresentar a vida e a obra de artistas brasileiros, muitas vezes, pouco explorados em livros. Junto aos documentários, encontram-se folhetos com textos que provocam o professor para que analise com outros olhares o documentário, buscando diferentes possibilidades de abordar esse material em sala de aula.

Além dos momentos formais mensais de trocas, os profissionais participantes do polo encontram-se à disposição para o auxílio ao professor em outros momentos, caracterizando esse espaço como uma importante referência na formação constante para o professor de arte na região.

2 VISITANDO OS MUNDOS DA ARTE

A prática apresentada na sequência foi desenvolvida contando com o apoio dos profissionais do polo arte na escola em momentos de discussão e avaliação das atividades lançadas, bem como contou com a participação dos alunos na exposição presente na Pinacoteca da Universidade Feevale que estava ocorrendo na época. Dessa forma, as atividades desenvolvidas pelo polo Arte na Escola foram fundamentais para a qualidade do projeto, a qual foi comprovada com o recebimento do Prêmio Arte na Escola Cidadã em 2009.

A prática foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho, da cidade de Ivoti, com um grupo de 6ª série, e discorre acerca do trabalho que envolve a exposição de produções dos alunos e da sua visita a espaços de arte. As atividades tiveram início com o estudo da arte medieval, através da visita à igreja da cidade e, posteriormente, foi realizada uma visita à exposição “Acroterium”, de Ricardo Cristofaro, na Pinacoteca da Universidade Feevale.

Após conhecer alguns aspectos e visualizar reproduções de exemplares da arte medieval europeia, os alunos estabeleceram relações estéticas entre as imagens que observaram de algumas igrejas góticas e a imagem da Igreja Matriz de São Pedro, presente na

cidade e, intrigados por essa semelhança, desejaram saber mais sobre a história dessa construção local. A partir de tal iniciativa, foi feito um apanhado inicial sobre o que os alunos já sabiam a respeito da igreja e, nesse momento, foi interessante observar que muitos buscaram com seus familiares informações sobre algumas questões que lhes intrigavam.

As descobertas realizadas foram compartilhadas em sala de aula e muitas dúvidas surgiram dessa conversa. Tais dúvidas foram anotadas, a fim de serem esclarecidas no decorrer de nosso processo de estudo. Para descobrir mais sobre essa história, fez-se necessária uma visita à igreja e, nessa etapa, os aprendizados iniciaram ao se sair do portão da escola. Devido à proximidade entre a igreja e a escola, o deslocamento foi feito a pé, o que permitiu que os alunos estivessem em contato direto com a rotina da cidade, sua população, que observassem e conhecessem a casa de alguns colegas que moram no caminho percorrido, entre outros tantos aspectos. Além disso, exercitaram questões relativas à postura e a atitudes que são necessárias ao estar no meio social.

Passamos nessa caminhada por locais significativos da cidade, como a prefeitura e o hospital, que despertaram muitos comentários por parte dos alunos. Ao chegarmos à igreja, a historiadora Gabriela Dilly, responsável pela preservação do patrimônio que foi construído em 1869 e que se configura como uma das mais antigas construções da cidade, trouxe aos alunos diversas informações acerca da sua história, dos cuidados que recebe e dos que deveria receber. Trouxe a eles também muitas histórias que cercam essa construção, como, por exemplo, a questão dos incêndios que deterioraram parte de sua estrutura. Foi interessante observar que os alunos anotavam tudo o que era dito e analisavam em seus cadernos o que ainda necessitaria ser respondido sem, entretanto, perder a atenção na fala da historiadora.

Depois desse momento, foi realizada uma caminhada livre, assim como sugerem Arslan e Iavelberg (2006), em torno da igreja, para conhecer mais de perto seus detalhes, suas marcas. Esse movimento despertou a atenção dos alunos para o cemitério existente atrás dela. Imbuídos de muita curiosidade, transitaram, por alguns minutos, por entre as lápides e apontavam uns aos outros a sepultura de algum parente ou conhecido. Nesse momento, uma menina muito reservada retornou de sua caminhada e trouxe a informação de que fora olhar o túmulo de seu pai. Um momento muito forte no qual as histórias pessoais estavam ressurgindo nas mentes dos alunos e lembranças muito profundas vieram à tona. Miriam Celeste Martins nos traz, em sua fala, que “cada um que chega a uma exposição já traz consigo suas referências pessoais, suas expectativas, seus saberes, seus medos” (2005, p. 16). Tal constatação foi confirmada através da ação da menina e de tantos outros alunos nessa saída de estudos.

Após esse momento nostálgico, cada aluno escolheu um detalhe da igreja para ser capturado pelas lentes fotográficas. Nessa etapa, posturas diferentes apresentaram-se, visto que alguns buscaram detalhes mais sutis, outros lançaram um olhar mais amplo à igreja, buscando enquadrar toda a sua estrutura no visor da máquina.

Enquanto alguns alunos realizavam as fotografias, os demais iniciaram um desenho da igreja. Nessa etapa, novamente as diferenças dos olhares e das representações apareceram. Alguns alunos se detiveram em detalhes dela, destacam-se em vários exemplares a rosácea e a torre, enquanto outros se esforçaram ao máximo para desenhar toda a construção, incluindo o gramado à sua volta.

No retorno à escola, a manipulação das fotografias no computador, assim como a montagem de um porta-retrato utilizando filtro de café para as fotos configuraram-se em uma experiência muito rica de conhecimento para os alunos. Quando prontos, os trabalhos foram expostos na escola e de imediato percebeu-se o gosto dos estudantes por observar fotografias, visto que as olhavam em grupos e trocavam ideias entre si, percebendo-se diversos sorrisos nessas trocas de ideias.

Decorrente do sucesso da exposição dos trabalhos na escola, surgiu, por parte da coordenação desta, o desejo de expô-los em locais públicos da cidade. Dessa forma, os trabalhos foram expostos, inicialmente, na secretaria de educação da cidade. No dia da montagem da exposição, os alunos ficaram encantados com a possibilidade de adentrar num local em que jamais estiveram. Julgaram muito interessante conhecer o espaço onde todas as questões relativas à educação no âmbito municipal são trabalhadas e discutidas.

Pela intensa vivência desse grupo com a fotografia e pela relação estrita que estabeleceram com as questões da preservação do patrimônio histórico, foi permitida a eles a visita à exposição “Acroterium”, do artista Ricardo Cristofaro, na Pinacoteca da Universidade Feevale. E o resultado não poderia ser mais estimulante.

Primeiramente, o estranhamento em relação ao espaço. A ideia de conhecer o mundo, de permear o desconhecido, de pisar em um espaço além da sua escola e da sua cidade estava movendo tal saída de estudos. Muito curiosos por saber como seria esse lugar ao qual estavam se dirigindo, suas feições foram de espanto e curiosidade ao avistarem a Pinacoteca. Caminharam eufóricos diante das fotografias, com passos largos e afoitos. Passados alguns minutos, acalmaram-se e passaram a analisar com mais atenção as fotografias, que apresentam imagens de diversos acrotérios da cidade natal do artista, Juiz de Fora. Seu trabalho consiste, além do registro fotográfico dos acrotérios, na sua catalogação. Como diz Valéria de Faria Cristofaro, “[...] seu trabalho cumpre uma função social: salvaguardar a

memória e o patrimônio cultural de Juiz de Fora” (CRISTOFARO, 2007, p. 9). Ao fotografar espaços de uma mesma cidade, Ricardo está falando da história desse local e de seu trabalho, “[...] soma uma importante contribuição para o pensamento de questões que se colocam na atualidade como a perda de identidade e sensibilidade estética” (CRISTOFARO, 2007, p. 9).

Como os alunos já haviam trabalhado com fotografia, o seu olhar absorveu muitos detalhes da mostra. De imediato, eles perceberam semelhanças e diferenças entre elas e que foram agrupadas pelas formas que os acrotérios apresentavam. Chamou-lhes a atenção a cor envelhecida de algumas e o uso do preto e do branco em outras. A observação das fotografias reais, e não reproduções, agregou novas informações aos alunos e, como diz Miriam Celeste Martins, “estar em frente ao original é muito diferente” (2005, p. 13). Deram-se conta do brilho, da textura, do real tamanho das imagens, além de estabelecer uma relação corporal com a obra, visto que as fotos foram colocadas na altura dos olhos de uma pessoa de estatura mediana e não na altura dos olhos dos pequenos.

O envolvimento com a mediadora foi bastante interessante. Na conversa que estabeleceram, os alunos trouxeram para o diálogo exemplos de casas da sua cidade que contêm acrotérios nas escadas e nos telhados. Analisando que são crianças que têm por volta de 12 anos de idade, a relação com o professor ou com a pessoa que é a referência do momento é bastante forte e esse grupo se mostrou muito atento às palavras da mediadora, aos seus questionamentos. Um dos alunos, por exemplo, pegou seu caderno e mostrou a ela as atividades realizadas em aula e todas as informações trabalhadas sobre a preservação do patrimônio, sobre a arte medieval e suas rosáceas e vitrais, demonstrando um desejo de ser notado e reconhecido por ela. Miriam Celeste aborda a questão da mediação cultural e, em seu livro “Mediação Cultural para professores andarilhos da cultura”, aprofunda o significado da mediação, afirmando que:

[...] o objetivo maior não é propiciar contato com este ou aquele artista, mas sim que eles e elas possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua cultura, de sua realidade, da natureza a sua volta e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo singular de pesquisar a materialidade através da linguagem da arte (MARTINS, 2005, p. 17).

Na sequência da conversa, alguns alunos comentaram sobre as fotos que fizeram da igreja. Nesse momento, a mediadora valorizou essa atividade e instigou-os sugerindo que os trabalhos fossem expostos num local da instituição destinado aos trabalhos escolares. Com

um ponto de interrogação seguido de uma exclamação na expressão de seus rostos, eles a fitaram questionando: isso será possível?

A troca constante entre alunos e mediadora e, através desta, com o artista e seu trabalho, foi muito bonita. Como Miriam Celeste traz:

A socialização destes pontos de vista são, portanto, imprescindíveis para a ampliação da compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do mediador (monitor, professor ou teórico) a interpretação que poderia ser colocada como única e correta (MARTINS, 2005, p. 17).

Próximos do fim da conversa, os alunos mostraram curiosidade em saber do que se trata o livro perto da porta de entrada da Pinacoteca. A mediadora então lhes explicou que o livro está ali para que os visitantes assinem e deixem, dessa maneira, registrada sua passagem pela exposição. Assim que o momento da mediação se encerrou e partia-se para a visita a outros espaços, uma longa fila se formou para a assinatura do livro.

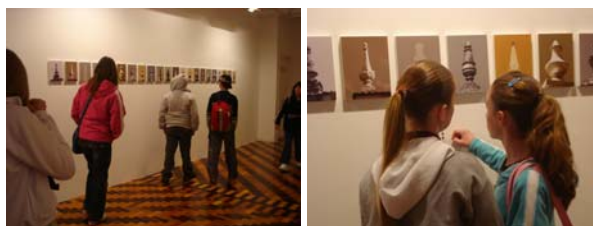


Figura 1 – Alunos apreciando as fotografias da mostra Acroterium

Concluída a visita à exposição, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um pouco do ambiente da instituição e dos espaços onde ocorrem as aulas de arte, tanto da escola de aplicação quanto dos cursos de graduação.

Num primeiro momento, chamou-lhes a atenção um imenso vitral próximo às escadas. Como já haviam estudado em sala de aula sobre a arte medieval e viram alguns aspectos do vitral, os alunos se interessaram por observar mais de perto como havia sido feito aquele exemplar. Mais tarde, num outro espaço, eles se depararam com um novo exemplar, que novamente cativou seus olhares.

Conhecer os ateliês de arte foi para os alunos um momento muito rico. Avistaram lá, além de diversos materiais, como papéis e bacias, “[...] desenhos inacabados, idéias em suspensão, dúvidas, pinturas antigas e recentes, obras embaladas, catálogos e tudo o mais que um atelier oferece” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 44). Muitos deles não conheciam a técnica da gravura e a visita a esse ateliê foi uma ótima oportunidade para lhes explicar como

são feitos esses trabalhos. Eles olhavam atentamente para as prensas e suas expressões eram de espanto. Estavam impressionados com tantas engrenagens e com a força de que as máquinas dispunham para a realização de trabalhos artísticos.

Entre tantas andanças, ocorreram constantes trocas com os parceiros, com a mediadora e com a professora titular. Comunicações feitas através de uma fala empolgante e alegre externaram impressões diversas sobre a visita, dúvidas, surpresas. Tal fato confirma o que Miriam Celeste diz sobre a mediação: “Se a mediação pode provocar, talvez este momento traga mais perguntas, que alimentarão o espírito curioso dos alunos” (MARTINS, 2005, 47). Conforme Miriam Celeste Martins, “O ‘clima’ gerado no espaço cultural por nossa presença se expande ainda mais na medida em que trocamos idéias com os que estão conosco nesta viagem estética” (MARTINS, 2005, p. 14).

Visto que se desenvolve, nos locais visitados, a escola de aplicação da Universidade Feevale, os alunos dividiram o espaço com os estudantes locais e adentraram em suas rotinas. Essa vivência foi bastante rica e ampliou os conceitos que tinham acerca do estudo e do ambiente escolar. Julgaram também bastante interessante o fato de os jovens compartilharem com os adultos o mesmo espaço dos ateliês. Tal foi o gosto pela visitação a espaços destinados à arte, à criação, que, ao final do encontro, disseram que só não gostaram de não poderem ter visitado o Museu Nacional do Calçado, presente nessa instituição.

Tais visitas são necessárias, para os alunos perceberem que a Arte está no mundo, que faz parte do dia a dia, pois, muitas vezes, eles imaginam que é algo supérfluo, desconectado da realidade. Essas visitas também mostraram que o conhecimento não está retido nas mãos do professor, muito pelo contrário, o professor é uma das tantas referências dentro do processo de aprendizagem. Olhando para trás, quantas pessoas da comunidade estiveram envolvidas nessa trajetória? No início, a própria família foi a base para muitos questionamentos, pois os alunos buscaram, com seus parentes, informações sobre a igreja da cidade, que foram, posteriormente, complementadas pela fala da responsável pelo local. No momento do trabalho com a fotografia, já na escola, houve a relação bastante próxima com a professora de informática e a interação com a mãe do colega que realizou a impressão das fotografias em seu estúdio fotográfico. Enfim, a lista dos envolvidos é longa e evidencia que os contatos realizados só contribuem para o aprendizado dos alunos.

Alunos autores, alunos curadores, alunos visitantes, alunos expectadores. Como num teatro, os alunos vivenciaram diversos papéis presentes no campo da arte. Decorrido todo esse processo de trabalho, as fotografias realizadas pelos alunos, no início do projeto, renasceram com muita força e passaram a ter um novo sentido. Nesse momento, foi oportuno realizar uma

nova exposição, dessa vez, em locais públicos da cidade. Mais uma vez, o andar pela cidade e o adentrar em espaços nada convencionais como, naquele momento, um banco, foi de extrema riqueza para os alunos.

Findando essa reflexão, acreditamos que, como nos trazem Rosa Iavelberg e Luciana Arslan, “Identificar e discutir arte fora da sala de aula é fundamental para a compreensão de que a arte pode estar relacionada com a vida” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 41). Desenvolveram-se, nesse projeto, variados “processos de ensinar e aprender arte em diferentes contextos” (MARTINS, 2005, p. 41), nos quais os olhares lançados sobre variadas formas de expressão plástica e o interagir em outros espaços além da escola se constituíram, sem dúvida, de grande riqueza para esse grupo, o qual passou a perceber que a arte está intimamente ligada às vivências do ser humano.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, L.; IAVELBERG, R. **Ensino de arte**. São Paulo, SP: Thomson Learning, 2006.

BERTANI, C. Pinacoteca da Feevale: espaço de educação continuada. In: COSTA, Clóvis Martins; JOHN, Richard (Org.). **Vetor**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009, p. 266-270.

CRISTOFARO, R. **Acroterium**. Belo Horizonte: FUNALFA Edições, 2007.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE G. **Mediação Cultural para professores andarilhos da cultura**. RBB, 2008.

MARTINS, M. et al. **Mediação: provocações estéticas**. 1. ed. São Paulo: Instituto de Artes/Unesp, 2005.